



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO LETRAS/PORTUGUÊS/PARFOR TAILÂNDIA

CLENIS SANTIAGO BASTOS

**GÊNEROS TEXTUAIS: Um estudo com o gênero História em Quadrinhos
no 7º ano da escola “São Felipe”.**

TAILÂNDIA-PA

2014

CLENIS SANTIAGO BASTOS

**GÊNEROS TEXTUAIS: Um estudo com o gênero História em Quadrinhos
no 7º ano da escola “São Felipe”.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado na Universidade Federal do Pará como
requisito para a obtenção do grau de Licenciado
Pleno em Letras. Orientador: Prof. MsC. Carlos
Alberto Amorim Caldas.

TAILÂNDIA-PA
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B327g Bastos, Clenis Santiago.
GÊNEROS TEXTUAIS : UM ESTUDO COM O GÊNERO
HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO 7º ANO DA ESCOLA “SÃO
FELIPE” / Clenis Santiago Bastos. — 2014.
32 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Carlos Alberto Amorim Caldas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Gêneros textuais. 2. Histórias em Quadrinhos. 3.
Leitura. 4. Produção textual. 5. Ensino de Língua. I. Título.

CDD 370

CLENIS SANTIAGO BASTOS

**GÊNEROS TEXTUAIS: Um estudo com o gênero História em Quadrinhos
no 7º ano da escola “São Felipe”.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado na Universidade Federal do Pará como
requisito para a obtenção do grau de Licenciado
Pleno em Letras. Orientador: Prof. Msc. Carlos
Alberto Amorim Caldas.

Banca Examinadora

Prof. Carlos Alberto Amorim Caldas

Orientador

Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues

Avaliador

Prof^a. Esp. Gisele Henriques

Avaliadora

Apresentado em: ____ / ____ / 2014

Conceito: _____

TAILÂNDIA-PA

2014

*À minha família que muito contribuiu para o
sucesso deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que através de sua força divina me deu energia para realização deste trabalho, diante de muitas dificuldades.

A minha mãe Maria Osvaldina Santiago Bastos que sempre me ajudou a superar algumas dificuldades.

Aos meus filhos Lorena Cristina, Crísthofher Gabriel e Gustavo William que muitas vezes ficaram sem a minha presença.

Ao meu amor Rômulo Lopes agradeço pelo companheirismo e por compartilhar do mesmo ideal.

Ao meu professor orientador Carlos Amorim que sempre acreditou no meu trabalho.

Aos meus professores do curso de letras por contribuírem com novos conhecimentos.

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho apresenta algumas reflexões e análises voltadas para os gêneros textuais, esta ideia surgiu a partir de uma verificação preliminar realizada com os educandos do 7º ano da Escola São Felipe, localizada no Distrito de Palmares município de Tailândia (PA), cujo o foco da pesquisa foi perceber os gêneros textuais privilegiados pelos educandos e de que forma são motivados e podem sentir prazer com a prática da leitura e da escrita no espaço escolar. Desse modo, tomou-se como fundamentação teórica, autores como, Marcuschi (2011), Dolz e Schneuwly (2004) dentre outros. Para tanto, realizamos oficinas de produção textual, na escola, a partir de uma abordagem do gênero textual História em Quadrinhos; mostrando a prática pedagógica desenvolvida com educandos entre 12 e 15 anos e as experiências relatadas oralmente e através da escrita. Tomou-se também como objetivo a compreensão dos espaços discursivos nas propostas de trabalho com a linguagem: oralidade, leitura e produção textual, desenvolvidas em sala de aula. A escola, ao valorizar as atividades com os gêneros textuais, ajuda os educandos a formar um conceito positivo de mundo, auxiliando no seu crescimento e contribuindo para um bom desenvolvimento de suas habilidades e competências no ensino-aprendizagem de língua materna. Dessa maneira, evidenciou-se que a aplicação do gênero história em quadrinhos pode ser um forte instrumento pedagógico para o ensino, realizando assim um despertar favorável à prática da leitura e da produção textual em sala de aula.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Histórias em Quadrinhos. Leitura. Produção textual. Ensino de Língua.

ABSTRACT

This paper presents some reflections and analyzes focused on the textual genres , this idea came from a preliminary verification conducted with the students of the 7th grade in St. Philip School , located in the district of Palmares, Tailândia city in the State of Pará, whose focus the research was to understand the textual genres favored by students and how they are motivated and can take pleasure in the practice of reading and writing at school . Thus, we took as a theoretical basis, as authors, Marcuschi (2011), and Dolz Schneuwly (2004) among others. For this, we performed workshops textual production in school, from a textual approach to gender Comic; showing the pedagogic practice developed with students between 12 and 15 years old and reported orally and through writing experiences. We also took aim at understanding the discursive spaces in the proposed activities with the language: speaking, reading and textual production, developed in the classroom. The school, by emphasizing activities with textual genres, helps the students to form a positive view of the world, assisting in their growth and contributing to the healthy development of their skills and competencies in the teaching and learning of mother tongue. Therefore, it became clear that the application of genre comics can be a powerful pedagogical tool for teaching, thus realizing a favorable awakening to the practice of reading and textual production in the classroom.

Keywords: Text genres. Comics. Reading. Textual production. Language Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 GÊNEROS TEXTUAIS	14
1.1 Gêneros textuais e ensino	16
1.2 Conceituando os gêneros textuais	17
1.3 Gênero: História em Quadrinho	18
2 METODOLOGIA	20
2.1 Leitura e análise	21
2.2 A escolha da HQs	22
2.3 Estratégia de produção	23
2.4 Apresentações das dramatizações	24
3 ANÁLISE E RESULTADOS	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE	31
ANEXOS	32

SOBRE O TEMA E A AUTORA

A proposta do tema do presente trabalho “GÊNEROS TEXTUAIS: Um estudo com o gênero História em Quadrinhos no 7º ano da escola “São Felipe” deu-se a partir da necessidade de despertar nos estudantes o interesse pela leitura que é uma das maiores dificuldades no que se refere ao ensino, principalmente na disciplina de língua portuguesa.

A apresentação da autora consiste em algumas reflexões sobre a trajetória de vida, a prática como educadora, incluindo as expectativas, e inquietações, posso até dizer inconformidade sobre algumas situações no decorrer dos anos.

No primeiro momento lanço um olhar através da memória para fazer uma retrospectiva da vida pessoal e escolar, evidenciando bons momentos conformidade sobre algumas situações no decorrer dos anos.

Minha mãe era professora atuante e em algumas vezes quando ainda era pequena ela me levava para a escola, enfrentava muitas dificuldades, observava suas práticas em sala de aula, no entanto não imaginava que futuramente iria seguir a mesma profissão. Segundo Paulo Freire “Ninguém sabe tudo ou ignora tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Realmente foi o que aconteceu ignorei a minha vocação até me descobrir enquanto professora. Deus escreve certinho o destino de cada um.

Interesse pela Profissão

Surgiu quando iniciei meus estágios de observação na escola que minha mãe trabalhava, era uma escola de educação infantil, ajudava nas tarefas dos alunos que por sinal eram muito carinhosos comigo, gostavam que eu estivesse perto deles no momento das atividades e brincadeiras, lembro-me que minha mãe tinha um caderno de músicas e comecei a me interessar em aprendê-las.

Em alguns momentos minha mãe se ausentava e eu assumia o cargo de professora regente o que me deixava muito feliz, superando o nervosismo buscava sempre atividades que chamassem a atenção dos pequenos. No ano seguinte fiz estágios de participação nas turmas de 1ª a 4ª série, foi um impacto, pois acreditava que quando chegasse o momento de atuar como professora não iria conseguir.

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como preciso mover com clareza minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (Paulo Freire).

Segundo o autor nascemos com capacidades da aquisição, contudo o que realmente vai nos determinar na sociedade é a convivência, experiências que cada um possui. A princípio sentir insegurança, não era apenas uma criança e sim uma turma que dependendo das minhas atitudes poderia deixá-las frustradas.

Experiência Profissional

A primeira decepção veio quando fiz a minha primeira regência no Ensino Fundamental, na sala de primeira série. Planejei diversas atividades diferenciadas, como: variados jogos, caça palavras, músicas, crachás com adesivos, pois para alguns professores de magistério, estes eram os meios mais adequados para garantir o aprendizado do aluno. Tudo parecia perfeito, até eu entrar na sala e o meu planejamento cair por terra. Era novidade demais para os alunos, a sala virou uma bagunça e eu não soube lidar com a situação. Fiquei muito triste, no dia seguinte tive que buscar algo que contribuísse de forma positiva.

Mesmo acreditando que a alfabetização não se dá apenas com mera transmissão de conhecimentos, penso que o professor deve facilitar a construção do aluno e não dificultasse o processo. Se o aluno pergunta, é porque ele precisa daquela informação para aquele momento e a informação dada pelo professor pode contribuir para a construção de outro conhecimento já pré-elaborado por ele. Então compreendi que não existem receitas prontas e que não somente as atividades desafiadoras garantem ao aluno a alfabetização.

A alfabetização na escola deve ser compreendida como um processo político pedagógico, que garanta a todos os envolvidos a construção e a reflexão crítica da leitura ou da escrita, ou seja, tal aprendizado deve ser baseado no conceito de letramento, onde o aluno crie possibilidades de ampliar suas idéias e transmiti-las de forma diversificada essa é a conclusão que cheguei a partir de todas as minhas leituras e experiências sobre tal assunto.

No ano de 2009, fui trabalhar na Educação Infantil (préII), não por opção, mas por falta de escolha, de certa maneira isso me frustrou. Logo que cheguei à escola perguntei as outras professoras: O que uma professora de pré-escola faz? Canta? Ainda tinha muito forte

em mim à visão conteudista do ensino fundamental, iniciei um trabalho voltado para preparar os meus alunos para a primeira série. Eu os via como alunos e não como crianças. Foi neste momento que sentir a necessidade de buscar novos conhecimentos. O apoio da família foi muito importante para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças.

Naquele ano tive o resultado que desejei muitos alunos alfabetizados, meu trabalho foi reconhecido que fiquei durante três anos trabalhados com a educação infantil. Ver os meus alunos lendo homenagens e agradecimentos no dia da formatura me deixaram orgulhosa do meu trabalho. Após três anos de trabalho na educação infantil, me removi para o ensino fundamental, mesmo tendo grande paixão por trabalhar com crianças de 4 a 6 anos, na verdade todas as experiências foram boas.

Quando voltei para o ensino fundamental, para lecionar para 4ª série, descobri o quanto a educação infantil mudou o meu olhar com relação às crianças. No ensino fundamental a palavra criança parece não existir. Mesmo tendo entre 09 e 11 anos, são apenas alunos que em algum momento também podem correr, brincar, cantar, conversar. Recebi as crianças de maneira diferente: organizei as carteiras de modo que pudéssemos fazer a roda da conversa, leituras reflexivas realizadas pelos alunos e algumas vezes por mim.

Na escola em que trabalhava a maioria dos professores já haviam concluído ou estavam cursando faculdade e muitas vezes sentia um preconceito por parte de todos por não ter curso superior. Como se a faculdade garantisse ser um bom professor. Observando a prática de algumas professoras que já tinham formação acadêmica concluir que nem sempre novos conhecimentos inovam métodos de ensino, acreditava que ter faculdade não era um pré requisito para ser um bom professor, pois além de presenciar situações nas quais eu discordava, sentia por parte dessas professoras falta de compromisso com os alunos; eu tendo apenas o magistério conseguia fazer a diferença, mais para provar meu desempenho precisava ir além.

Logo que iniciei a prática da docência senti necessidade de buscar teorias que justificassem minha prática, resolvi fazer faculdade. Não somente pela busca teórica, mas por vários motivos dentre eles a certificação, melhoria de salário, pontuação e por “status”. Ser professora faz parte da minha vida, hoje não me vejo fora da educação, sou parte de uma sociedade que não pode mudar o mundo, no entanto posso contribuir para a formação de cidadãos críticos e construtivos.

Sendo assim, o presente trabalho está dividido em três capítulos, baseado em dados teóricos e empíricos. 1 – Faz uma introdução sobre os gêneros textuais, analisando o efeito positivo nas aulas de português, pois levam em conta seus usos e funções nas diversas e

diferentes situações comunicativas; 2 – No segundo capítulo é descrita as etapas da pesquisa durante as oficinas e produções; 3 - Por último a análise dos resultados obtidos e as considerações sobre o trabalho com gêneros textuais.

Os principais autores que serviram de aporte para a conceituação do gênero em questão e suas implicações no ensino de língua, Marcuschi (2011), Dolz e Schneuwly (2004).

1 - GÊNEROS TEXTUAIS

As análises sobre os gêneros textuais é um tema antigo, e concentrava-se na literatura, surgiu com filósofos como Platão e a tradição poética; e posteriormente com Aristóteles seguindo a tradição retórica. Com o passar do tempo ultrapassa as fronteiras e segue pra a linguística de forma generalizada.

O estudo de gêneros textuais pode ter efeito positivo nas aulas de português, pois levam em conta seus usos e funções nas diversas e diferentes situações comunicativas; com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o educando poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo. Como objeto de ensino, todo gênero textual transforma-se em gênero escolar.

Apesar do surgimento das novas tecnologias e em especial as ligadas à área da comunicação que favorecem o aparecimento de novos gêneros textuais. Acentua-se a este fato a intensidade com que essas tecnologias interferem nas atividades comunicativas diárias.

Pode-se considerar que os textos se manifestam sempre em um ou em outro gênero textual, sendo assim, é relevante que um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais na escola seja importante tanto para a oralidade como também para a produção textual.

No entanto, não é de supor que os alunos aprendam naturalmente a produzir os diversos gêneros escritos de uso diário. Nem é comum que se aprendam naturalmente os gêneros orais mais formais. Por outro lado, é de se indagar se há gêneros textuais ideais para o ensino de língua. (DOLZ e SCHNEWLY, 1998).

Segundo os autores pesquisados é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades de interpretações: do nível menos formal ao mais formal, do mais privado e assim por diante. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

A distinção do que seria gêneros textuais e tipos textuais é fundamental em todo trabalho com a produção e compreensão textual. Pode-se dizer que os gêneros textuais fundamentam-se em critérios externos (sociocomunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundamentam-se em critérios internos (linguísticos e formais). Por exemplo, Carta e História em (HQ) são gêneros textuais, Narrativa e Imagem são tipos textuais.

Pela relação que foi exposta sobre gênero textual e tipo textual, fica claro que não há uma dicotomia entre eles, pois, trata-se de complementaridade, ou seja, todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas, tomemos como exemplo o gênero textual telefonema, caracteriza-se como um diálogo mediado pelo telefone. Ao analisar do ponto de vista de tipo textual, o telefonema pode envolver argumentações, narrativas, como também descrições, tornando-se tipologicamente heterogêneo.

Para Marcusch, a identificação de um gênero textual é a possível dificuldade, que sentimos em determinar o início e o final do texto, alguns apresentam estruturas que facilitam identificação. O autor cita o livro didático como gênero, pois, surge à dúvida se é um gênero ou um suporte específico, por apresentar textos de variados gêneros, como por exemplo: notícia, poemas, cartas, bilhetes, dentre outros.

Segundo Bazerman (2006), a atenção volta-se ao fato de que o uso de diversos gêneros em sala de aula serve para descobrirmos os recursos que os alunos já possuem e os gêneros que estes alunos já conhecem, com os quais já estão familiarizados. Para (Bazerman, 2006, P.31) o gênero: “É uma ferramenta para definir os desafios que levarão os alunos a novos domínios até então não explorados por eles, mas não tão diferentes dos domínios que conhecem a ponto de serem ininteligíveis”.

A afirmação do autor nos remete ao aspecto da educação que vivemos e essa reflexão nos leva a crer que a escolha estratégica de gêneros que possam ser trabalhados com alunos é a chave para seu sucesso em novos territórios discursivos, que se estendam além dos que eles já dominam no campo da linguística. Nesse contexto vemos a importância da interação de professores e alunos nas escolhas dos gêneros para realização das atividades propostas com a finalidade de suprir as necessidades reais de comunicação do educando.

Nesse sentido é que os autores filiados ao interacionismo sociodiscursivo defendem que o uso de um novo instrumento provocaria transformações tanto no ambiente físico e social em que se desenvolve a atividade instrumentada, quanto nos outros que interagem com o sujeito e também sobre o próprio sujeito, aumentando os seus conhecimentos sobre o mundo e desenvolvendo capacidades para o agir sobre o outro e para a regulação de seu próprio comportamento.

1.1 Gêneros Textuais e Ensino

No ambiente escolar, ao compreender o que é e como se constitui um gênero textual o aluno terá elementos para melhor compreender o que deve ser encontrado em um texto. Se o aluno tem conhecimento sobre um determinado gênero, terá maior facilidade para perceber as escolhas próprias desse gênero.

Como pontos de partida para o desenvolvimento do gênero textual são acionados conhecimentos prévios, de modo que as informações trazidas pelos educandos sejam aproveitadas e favoreçam a mobilização dos conhecimentos linguísticos, textuais como também de mundo, com base na ativação de diferentes estratégias para serem desenvolvidas durante as atividades propostas.

Schneuwly e Dolz (2004) defendem a ideia de que o ensino-aprendizagem dos gêneros daria condições para o desenvolvimento de operações de linguagem fundamentais para a produção de qualquer texto. Ou seja, para os autores, o ensino-aprendizagem de gêneros não levaria apenas ao domínio do gênero ensinado, mas ao desenvolvimento de diferentes capacidades de linguagem, o que faz dele um “megainstrumento” complexo e não um simples instrumento. Os autores ressaltam que:

(...) é através dos gêneros vistos como formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados e situações habituais, entidades culturais e intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem – que essas práticas se “encarnam” nas atividades de aprendizagem, justamente em virtude de seu caráter intermediário e integrador. (...). (SCHNEUWLY e DOLZ, p.106)

O contato com variados textos contribui para ampliar a imaginação. A diversidade de opções estimula a busca de alternativas, fornecendo um positivo suporte para a realização das atividades nas situações de comunicação dos alunos.

O estudo dos gêneros textuais passa necessariamente por um processo de didatização, considerando que, ao ser apresentado em um livro didático determinado, ou extraído da obra para uma determinada aula. O texto deixou de ser veiculado em seu suporte de origem e teve sua esfera de circulação alterada.

(...) Embora os gêneros textuais nos sirvam de modelos, dos quais podemos lançar mão para realizar ações de linguagem, eles não podem ser considerados como regras inflexíveis que devem ser seguidas. Os gêneros textuais nos servem de orientação para a composição dos textos que constituímos cotidianamente,

mas que permitem também diversas adaptações, todas elas ligadas às necessidades comunicativas daqueles que produzem textos. (ABDON, p 88)

O trabalho com gêneros textuais refere-se às diretrizes curriculares que enfatizam o uso e a função social da linguagem. Isso significa trabalhar com configurações relativamente estáveis de texto que circulam na sociedade e importantes para sua vida. Essa opção tem o objetivo de tornar a atividade de produção textual algo relevante e funcional, deixando para trás a prática de leitura e escrita artificial desprovida de contexto. Para os autores:

(...) é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes. (...) Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem. Eles abrem uma porta de entrada, para estas últimas, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no momento de sua apropriação. (SCHNEUWLY e DOLZ, p.74)

O estudo da língua com base em gêneros textuais situa e contextualiza de forma mais clara os aspectos linguísticos a serem analisados. O estudo gramatical ganha sentido, pois passa a dirigir a reflexão e não apenas para o domínio de uma norma, mas também para o domínio das possibilidades de escolha disponíveis para o usuário da língua.

1.2 - Conceituando os Gêneros Textuais

Entende-se que o falante de uma língua torna-se o sujeito responsável devido ser o detentor do uso da linguagem, de ser o grande noticiador dos gêneros textuais como prática linguística. Segundo Marcuschi (2007, p. 19), “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.” Essas formas comunicativas diárias que são os gêneros textuais, são organizações textuais flexíveis, propensas a diversas mudanças, devido ao aspecto dinâmico inerente. O autor enfatiza que:

A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia (...). Como certos gênero já têm um determinado uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional permite enfatizar com vigor os novos objetivos. (MARCUSCHI, 2002, p 87)

Segundo o autor os gêneros textuais são fenômenos históricos, constituídos pelo uso da linguagem que se faz ao longo do tempo, e por sua vez estão estreitamente vinculados às necessidades comunicativas dos interlocutores, contribuindo para dar forma às ações que realizamos por meio da linguagem. O gênero textual não cria relações deterministas nem perpetua relações, manifestam-se em certas relações de suas realizações.

Os gêneros são modelos comunicativos através dos quais interagimos que oferecem, por meio de diferentes contextos, significações distintas em razão das variedades comunicativas e discursivas da língua. Vale salientar que os gêneros se configuram, através da forma, desde uma manifestação funcional de conteúdo e do suporte até mesmo do contexto social em que este atua. Esses aspectos são profundamente determinantes para que os gêneros venham a ser identificados. E, assim, entendidos como canais de uma atividade linguística do ser humano, quando falamos do uso da linguagem.

1.2 Gênero História em Quadrinhos

O gênero “HQ” textual teve como primeiros divulgadores nomes Rudolph Töpffer, Wilhelm Bush, Georges Colomb e o brasileiro Angelo Agostini, destacando-se como precursores do modelo comunicativo em questão. A primeira história como em quadrinhos brasileira. As aventuras de Nhô Quin foi publicada em janeiro de 1869 pela revista Vida Fluminense, e relatava em seus episódios as histórias de um homem simples do interior do Brasil.

O Brasil encontra-se em processo de ascensão do gênero história em quadrinhos, e a cada década este surge com mais novidades. Atualmente os quadrinhos têm como característica bem peculiar, os balões que trazem a função iconográfica de proporcionar um prolongamento dos personagens e também desenvolvendo uma leitura mais dinâmica. O autor Guimarães descreve que:

História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas. Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, o mesmo numa única tela pintada. Não se restringe, nesta

caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para o registro, nem o grau de tecnologia disponível. (GUIMARÃES, 2001)

As histórias em quadrinhos, gibis, ou simplesmente HQ, são apresentadas como um conjunto de textos que reúne histórias em quadros ou tiras, se apresentado como um gênero textual de leitura prazerosa. Sendo assim, muitas são as definições de um gênero que traz como característica a narração de história através de imagens e uma sequência de pequenos quadros.

Embora a utilização do texto escrito na História em Quadrinhos, pareça hoje algo tão natural, não se deu de forma imediata. Durante muito tempo após o desenvolvimento da escrita, as Histórias em Quadrinhos como também os retratos não era a utilizado de forma eficiente. Posteriormente aumentou sua capacidade de representar a realidade em um maior número de aspectos e sua capacidade dissertativa.

No que diz respeito a essa arte sequencial, Sarmento & Tufano (2004) explicam que na arte sequencial a comunicação se faz por meio de imagens identificadas pelo emissor e pelo receptor. Segundo autores para ler uma história em quadrinhos é preciso interpretar imagens, relacioná-las com as palavras e perceber sequências de causa e efeito.

Nos dias atuais a História em Quadrinhos ainda é usada largamente nos Cartuns e Charges, principalmente os que não têm legendas, em muitas ilustrações e pinturas, nas fotos instantâneas etc. Para a representação de movimentos mais complexos, ou seja, de narrativa mais elaborada e estruturada, a solução foi a decomposição deste movimento numa sequência de imagens distintas colocadas uma ao lado da outra, de acordo com os acontecimentos.

Neste estudo foi desenvolvida uma pesquisa conceitual dos gêneros textuais e seus aspectos mais característicos, uma apresentação breve do histórico dos quadrinhos, em seguida, discutiu-se a relação do referido gênero com o ensino de língua portuguesa, finalizando com a análise de uma proposta didática aplicada em uma sala de aula do 7º ano do ensino fundamental.

O gênero Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Não surgem isoladas e isentas de influências dos indivíduos. Na verdade, as ideologias e o momento político contribuem, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis.

2- METODOLOGIA

A seleção textual contempla o gênero HQ, privilegiados pelos alunos das turmas de 7º ano da Escola “São Felipe”. A escolha pelo gênero surgiu a partir do teste de sondagem realizada nas turmas citadas anteriormente, no diálogo com os educandos foi abordado qual (is) leituras lhes despertavam interesse. Muitos optaram pelas HQs. O critério para a seleção das HQs segue algumas etapas, assegurando o desenvolvimento e apropriação da competência leitora e produção dos alunos.

Consciente da necessidade de se trabalhar com o processo de produção da linguagem, não apenas com enunciados estanques fora de situação de produção, de acordo com alguns estudiosos citados e também os PCNs, afirmam que o ensino de língua materna deve passar primeiro pela produção oral. É fato de que o aprendizado da língua torna-se mais eficaz quando o aluno parte do concreto para o abstrato, como postulam os adeptos da linguagem oral na escola.

A utilização das HQs nos espaços escolares requer do professor compromisso com o fazer pedagógico e domínio metodológico do conteúdo a ser trabalhado com os alunos, além da criatividade e ousadia para utilizar os quadrinhos na medida certa para auxiliar a aprendizagem dos alunos.

Partindo dessa premissa, o gênero é então efetuado por meio de um sistema que aborde a linguagem no seu desenvolvimento oral e escrito. Pois, é através da atividade de uso da linguagem que podemos compreender o quanto se torna relevante essa propagação do gênero no processo de ensino, justamente pelo fato da expressão comunicativa depender indiscutivelmente dos gêneros textuais, para que a prática linguística humana seja concretizada com sucesso.

Por se tratar de um trabalho que se caracteriza também pelo que apresenta de pessoal para realizá-lo, o professor mobiliza suas capacidades (físicas, cognitivas, discursivas, afetivas etc) tendo em vista o objetivo de construir um contexto propício para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

É foco de discussão sobre o ensino de língua a importância de se trabalhar os gêneros textuais orais e escritos nos seguintes eixos: produção textual, leitura, análise linguística e oralidade, desde os anos iniciais do ensino fundamental.

Os trabalhos se desenvolveram pelo uso recorrente (em diferentes etapas do processo) de procedimentos e instrumentos: a) Grupos de estudo; b) Oficinas e por fim produções realizadas por meio das dramatizações.

2.1 Leitura e análise

A competência leitora é de grande importância para aquisição de novos conhecimentos do mundo que nos cerca, o texto escolhido para a realização da leitura deve ser voltado para desenvolver no leitor competências que contribuam positivamente para sua maior autonomia diante de variados textos ou até mesmo diante de qualquer linguagem presente no meio em que se insere.

No dia 11 de Novembro de 2013 foi desenvolvida a primeira etapa da pesquisa “GÊNEROS TEXTUAIS: Um estudo com o gênero História em Quadrinhos no 7º ano da escola “São Felipe”“. Conforme exposto no projeto, na primeira etapa os educandos a partir da dinâmica “Primeira letra do nome” formaram grupos de cinco pessoas, em seguida se apropriaram de várias revistas de histórias em quadrinhos para a realização das leituras em grupo, com o objetivo de selecionar apenas uma revista para desenvolver as atividades das próximas etapas da pesquisa.



Imagem 1



Imagem 2

Na imagem 1, os educandos da turma “F” estão em grupos e diante de várias revistas de HQ. Nota-se a interação de todos nas aventuras expostas em cada historinha, com direito a várias risadas. Na imagem 2 outro grupo da turma citada anteriormente optou em fazer uma

dinâmica de leitura, para que todos pudessem participar de todas as historinhas. Por meio das imagens acima é notável que a primeira etapa da pesquisa surtiu o efeito esperado.

O gênero HQs foi estudado de modo a permitir que os educandos compreendessem melhor como é constituído, analisando os elementos que compõe uma HQs, tornando-a uma narrativa dinâmica e interessante. Após as leituras e análises em várias revistas, o objetivo foi concluído, os educandos escolheram uma das revistas que pudessem trabalhar na atividade proposta, que seriam as dramatizações das histórias e que seriam necessárias algumas oficinas de preparação.

2.2 A escolha da História em Quadrinho

A segunda etapa da pesquisa foi realizada no dia 14 de novembro de 2013, os grupos receberam apenas as revistas escolhidas por eles na primeira etapa. Cada grupo realizou a leitura integral das histórias composta em cada revista. É importante liberar a expressão da opinião dos educandos, mesmo que não seja a nossa, permite que eles criem um sentido para a comunicação do seu pensamento.

A leitura realizada seguiu sequências dos envolvidos, favorecendo a participação de todos. Após a leitura os educandos socializaram os conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual, como por exemplo: a linguagem empregada nas histórias, o período histórico em que ela acontece, a variação linguística presente nas falas dos personagens e o tipo textual das HQs.

No decorrer das leituras foi possível perceber a interação dos educandos, por meio de algumas intervenções necessárias em algumas leituras. Nesta etapa a participação, a dedicação e interesse pela leitura tiveram resultados positivos.



Imagem 1



Imagem 2

A leitura também constitui um importante banco de informações. Numa forma de arte em que o leitor deve dominar um amplo repertório de fatos e conhecimentos abordado em cada história.

Na imagem 1 os educandos da turma “E” estão realizando a leitura compartilhada da história escolhida, esta atividade de leitura foi repetida por algumas vezes para que pudessem seguir a sequência dos acontecimentos e a alternância dos turnos de cada um. A imagem 2 retrata que as alunas estão fazendo a leitura da história escolhida, tentando se identificar com cada personagem e iniciando as suas primeiras anotações.

Observou-se que apesar de se tratarem de um mesmo gênero textual, as HQs apresentam características distintas. A socialização foi o momento crucial para perceber as diferenças entre os contextos das histórias.

Ao socializarem foi possível definir e conceituar as HQs, destacando que se tratava de uma narrativa apresentada por meio de uma sequência de acontecimentos, representados em diferentes quadrinhos. Os fatos narrados envolvem vários personagens e ocorrem em determinado tempo e espaço, obrigatoriamente apresenta imagens, porém, ela pode apresentar ou não a linguagem verbal. Ao contato com a linguagem verbal uma HQ pode ser narrada em forma de: monólogo, caracterizado por apresentar apenas um personagem ou o diálogo em que dois ou mais personagens conversam.

2.3 Estratégias de produção

Quando se coloca o gênero textual como eixo para a produção pode-se considerá-lo “modelo textual” para ampliação do repertório textual do educando, que poderá se construir uma fonte de escolhas tanto de estruturas composicionais quanto de escolhas linguísticas específicas, como forma de delinear o estilo de sua produção.

Na proposta de dramatização do gênero HQs, os alunos desenvolveram os conhecimentos relacionados à estrutura, às normas, como também a adequação necessária à situação de comunicação. A partir do gênero, propõe-se a análise sobre as escolhas de linguagem realizadas em cada história e as possibilidades de sentido que possam produzir. Nesse sentido pretende-se se tornar concreto o fato linguístico ao ser inserido numa determinada situação real, ou seja, formal ou informal.

No dia 25 de novembro de 2013 aconteceu mais uma etapa da pesquisa, nesta etapa os educandos iniciaram definindo quem seriam os personagens da história, em que espaço ela iria ocorrer, os recursos que precisariam para caracterizar os personagens e construir um cenário propício à dramatização.

As imagens a seguir mostram os preparativos para as dramatizações, os grupos escolheram alguns espaços da escola para a realização dos ensaios. A autonomia dos grupos nesta etapa foi muito importante para fazer os ajustes e ressalvas que julgaram necessárias ao contexto de cada história escolhida.



Imagem 1



Imagem 2

O momento dos ensaios foi definitivo para perceber que as produções seriam bem sucedidas, em vários espaços da escola estavam os grupos preparando-se para o grande dia, construindo o figurino semelhante aos usados pelos personagens da historinha. As falas foram organizadas de acordo com as variações linguísticas presentes.

Na imagem 1 os educandos realizam os ensaios no cenário natural da própria escola, os grupos trocaram ideias durante as falas, fizeram algumas correções como também pequenas modificações que julgaram necessárias. Na segunda imagem o ambiente escolhido é outro, o grupo decidiu realizar os ensaios na sala de vídeo da escola, para eles seria o mais adequado.

2.4 Apresentações das Dramatizações

Após todo processo de desenvolvimento das etapas do projeto, é chegado o grande dia da última fase do projeto, neste momento é hora de socializar as produções dos educandos. As dramatizações aconteceram nos dias 28 e 29 de novembro, todos estavam ansiosos e envolvidos em suas apresentações. Foi solicitado para a escola um horário em que os educandos pudessem organizar o figurino e o cenário. Dentre os grupos, alguns optaram em aproveitar o espaço arborizado da escola como cenário natural, os demais construíram os painéis para montar o cenário.



Imagem 1

As apresentações foram realizadas de acordo com o sorteio dos grupos realizado no momento das oficinas. A duração das apresentações variou de acordo com as produções de cada grupo.

Na imagem 1 é possível visualizar que os educandos usaram a criatividade para construir seus figurinos e cenário. Na imagem 2 as meninas estão felizes após a realização de uma bela apresentação.

É possível perceber que a atividade proposta oportuniza nas turmas um espaço do exercício da linguagem oral e escrita. A partir da leitura e escrita espontânea apropriando-se do conhecimento. Sem a necessidade dos exercícios e atividades lúdicas de produção, trazendo um manancial de vozes sincronizadas que transbordam palavras afinadas criando histórias coletivas ou individuais, recriando textos, se apropriando do conhecimento e conquistando seu espaço.



Imagem 2

3- ANÁLISE E RESULTADOS

O trabalho elaborado e aquele que foi efetivamente realizado, assim como os resultados obtidos foram constantemente divulgados em vários eventos, como, por exemplo: o momento cultural, o projeto de leitura, mural da escola e reuniões de pais e professores. As exposições permitiram um novo olhar para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

Baseado nos resultados obtidos durante o estudo, as histórias analisadas apresentaram-se um positivo instrumento de ensino que propiciam estratégias favoráveis para a reflexão sobre o oral em suas múltiplas dimensões, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades, conhecimentos e atitudes, bem como favorecendo reflexões sobre as práticas orais.

Por meio das atividades propostas durante a pesquisa, foi possível perceber o conhecimento acontecendo, sendo construídos pelos educandos. O envolvimento pela leitura, a animação das histórias divertidas, a interação, cooperação e empenho nas organizações para as oficinas. Não propondo a memorização de regras e sim, procurar reconstruí-las por meio da observação das regularidades.

A autonomia dada aos educandos no momento da apresentação da proposta foi utilizada de maneira positiva, sabendo que a capacidade de produzir não é exclusiva de algumas pessoas, mas está ao alcance de todos, quando lhes são oferecidas as condições de aprendizagem adequada. Os grupos foram felizes em optarem por fazer dinâmica de leitura, para que todos pudessem participar de todas as historinhas.

A partir do gênero exposto e as oficinas, os questionamentos foram surgindo sobre as escolhas da linguagem realizada em cada história, e as possibilidades de sentido que possam produzir. Esse momento foi oportuno para explicar alguns pontos contidos nas histórias, relacionados em nosso contexto social, tornando concreto o fato linguístico ao ser inserido numa determinada situação real, ou seja, formal ou informal.

Em síntese pode-se destacar nos resultados obtidos as seguintes ações: leitura dinâmica, organização nas produções, produções orais e escrita e por fim as dramatizações. Os resultados demonstram o seu desenvolvimento, cognitivo, e pessoal, prova concreta de que o trabalho realizado de forma colaborativa contribuiu para a evolução dos componentes a ele articulados, graças ao empenho de todos em fazer destas experiências exemplos práticos.

A experiência relatada e os resultados obtidos procuraram demonstrar a validade da proposta de organização do ensino de língua portuguesa em torno de gêneros textuais, bem

como a potencialidade de desenvolvimento que a produção de sequências didáticas propicia. As produções possibilitou o reconhecimento dos saberes que eles já tinham sobre a linguagem oral e seus contextos de uso.

As leituras de que os alunos gostam podem ser trazidas para a sala de aula, como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos. E esse trabalho inicial pode ser feito com a história em quadrinhos, por exemplo. Questionar por que o professor ou aluno gostam ou não desse tipo de texto é um caminho para o crescimento.

Trabalhar histórias em quadrinhos no campo escolar é uma forma significativa e dinâmica para os alunos lerem, escreverem, criarem, pesquisarem, dramatizarem sobre a vida. A HQ, atualmente não tem mais conotação de “gibizinho”. Sua importância cresce à medida que promove a compreensão de um assunto.

Considerando que as HQs podem expandir as formas de leitura, conforme já apresentado anteriormente, enfatizo a ideia do professor utilizar das mesmas como recurso auxiliador do ensino, e até mesmo como recurso didático que pode propiciar, após incentivo inicial, o aprofundamento do tema.

Cada um dos procedimentos no decorrer das atividades envolveram constantes feedbacks aos fundamentos teóricos e metodológicos implicados nas atividades, o que propiciou aos sujeitos envolvidos a internalização de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades para a elaboração de modelos didáticos e planejamento de sequências didáticas, análise das oficinas desenvolvidas em sequências didáticas e feedbacks que resultaram da avaliação do processo.

No cotidiano escolar o professor assume vários papéis, seus ouvidos se preparam para escutar e registrar alegrias, tristezas e emoções, perceber a profundidade do que se mostra nas entre linhas. Ajuda sem induzir, desvela tira o véu e mostra que nesse lugar de falas, e também de escuta se constroem e recontam histórias.

A prática pedagógica contribui não somente com o crescimento da criança, mas também para despertar nas mães e nos pais a importância do processo de estar inserido na sociedade podendo transformar consideravelmente sua realidade. A interação foi fundamental para ampliar seus recursos linguísticos, inclusive às questões que envolvem as múltiplas variedades do português falado no Brasil, no sentido de discutir e combater o preconceito cultural linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou informações relevantes sobre as histórias em quadrinhos na educação escolar. A temática proposta para este estudo pautou-se em compreender como as histórias em quadrinhos podem auxiliar no desenvolvimento escolar e ainda caracterizar este recurso reconhecendo seu benefício para o ensino. Em relação ao tema abordado procurou-se refletir aspectos das histórias em quadrinhos, bem como seu aproveitamento na escola.

Esta pesquisa não teve por intenção estabelecer um percurso, um caminho a ser seguido, mas sim o de expressar as reflexões e experiências singulares de uma educação em transformação. O desejo é o de apresentar possibilidades que podem vir a quebrar/romper a ideia entre as crianças de que ler é chato e só serve para fazer exercícios.

A experiência da aprendizagem tende a se constituir em um processo que é vivenciado prazerosamente e opera de acordo com o contexto em que os educandos estão inseridos. Assim, o educando não é um sujeito passivo que está sentado nos assentos escolares para apenas receber informações, ao contrário, torna-se um sujeito ativo desse processo.

Por meio desta pesquisa foi possível ver que a exploração das histórias em quadrinhos começou lenta, pois temiam que pudesse haver rejeição na utilização nas escolas. Educadores e pais consideravam este recurso como inadequado para a educação. Tais pontos de vistas foram superados com pesquisas que comprovaram seu benefício na escola.

É possível definir as HQs como arte sequencial, pois a história é narrada quadro a quadro através de sequência de acontecimentos ilustrados. Convém destacar que o trabalho com a diversidade de gêneros se dá ao longo de uma escolaridade específica, e não apenas em determinado ano ou período escolar.

Portanto, trabalhar este material em sala de aula, pode explorar a leitura, a escrita e a pesquisa. Exercitando a criatividade de forma prazerosa e divertida. As HQs na escola requer dos professores empenho e criatividade para auxiliar a aprendizagem dos alunos. Neste sentido as pesquisas em torno do assunto estão cada vez mostrando os benefícios das HQs.

É importante o conhecimento do professor sobre o assunto, pois ao selecionar HQs para trabalhar em sala de aula, deve considerar as características da faixa etária, adequando este material ao desenvolvimento intelectual do aluno. Assim, o processo de ensino aprendizagem em Língua Portuguesa resulta em: aluno, conhecimentos das práticas sociais da linguagem e mediação do professor.

Atualmente os quadrinhos não estão mais presentes em revistas especializadas, mas ganhou espaço em outros segmentos como concurso e vestibulares, fazendo que o candidato reflita sobre o assunto proposto, pois muitas somos condicionadas a memorizar sem refletir sobre o conteúdo estudado.

Em conclusão a essas observações sobre o tema em pauta, pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos. E há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária.

Enfim, vale ressaltar a ideia de que o trabalho com gêneros textuais será uma forma de dar conta do ensino dentro de um dos vetores da proposta oficial dos PCN que insistem nesta perspectiva. Tem-se a oportunidade de observar tanto na oralidade como na escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDON, Iaci de Nazaré Silva: Compreensão e produção de textos. Belém, EDUFPA, 2008 v4.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC; SEMEC, 2002.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In “Gêneros Oraís e escritos na escola”. Campinas(SP): Mercado de Letras; 2004.

FREIRE, Ronelly Salvino. O gênero histórias em quadrinhos: uma alternativa para o ensino de língua portuguesa. Guarabira PB, 2011.

GUIMARÃES, Edgard. História em quadrinho como instrumento educacional. Campo grande, 2001.

MACUSCHI, Luis Antônio : Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____: Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGNANI, M.RM: Leitura ,literatura e escola. São Paulo: Martins Pontes, 2001.

MATTA, Sozângela Schemim da. Português Linguagem e Interação. Curitiba: Bolsa nacional do Livro Ltda.2009.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

SCHINEUWLI, Bernard; DOLZ, Joaquim: Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das letras, 2004. p, 74.

APÊNDICE

Português

1) Quando lia, buscava-se melhora tanto em silêncio alheio ao que ocorria por casa.

Na sua opinião, todo tipo de leitura exige concentração e silêncio? Por que?

Exige concentração e silêncio se concentrarmos e criarmos atmosfera no que estamos lendo.

2) A leitura além de ser uma forma de "Uso" por meio das palavras e da "imaginação" abre "abertas" que conhecemos como diz Petrusca.

a) Você gosta de ler? o que?

Sim, gosto de ler histórias em quadrinhos.

3) Além dos textos de literatura (livros de histórias, poesia, teatro, etc.), outros tipos de textos como o jornal, a revista os quadrinhos, também são importantes? Por que?

É importante, porque aprendemos coisas importantes para a nossa vida.

4) Você acha que a leitura é importante para a formação das pessoas? Por que? Sim, porque lendo as pessoas vão se desenvolvendo e aprendendo coisas novas.

5) O que você acha que pode ser feito na sua sala de aula ou na sua escola para que os alunos possam a ler mais? Fazer momentos de leitura com muitos livros.

ANEXOS

